



“A CANÇÃO DE AMOR DE J. ALFRED PRUFROCK”, DE T.S ELIOT

TRADUÇÃO BRAYAN AGNUS C.¹

Vamos então, tu e eu,
Quando a tarde se arrasta diante do céu
Como um paciente anestesiado sobre a mesa;
Vamos, por ruas meio desertas,
Os retiros inquietos
De noites mal dormidas, em hotéis baratos
E restaurantes de estrada com ostras nos pratos
Ruas que vão como uma tediosa discussão
De insidiosa intenção
Que te levam a uma difícil questão
Ah, não pergunte, "Qual seria?"
Vamos e façamos nossa visita.

No salão as mulheres vêm e vão,
Falando de Michelangelo.

A neblina amarela que esfrega as costas nas vidraças.
A fumaça amarela que esfrega a boca nas vidraças,
Passou a língua dentro das beiradas da noite,
Demorou-se nas poças que ficam na sarjeta,
Deixou cair em suas costas a fuligem que cai das chaminés,
Escorregou pelo terraço, deu um breve salto,
E ao ver que era aquela uma serena noite de Outubro,
Deu uma volta pela casa, e caiu no sono.

E realmente haverá tempo
Para que a fumaça amarela que desliza ao longo da estrada,
Esfregando suas costas nas vidraças;
Haverá tempo, haverá tempo
Para compor um rosto para olhar os rostos que tu olhares;
Haverá tempo para assassinar e criar,
E tempo para todos os trabalhos e os dias, de mãos
Que sobem e deixam cair uma questão sobre o teu prato;
Tempo para ti e tempo para mim,
E tempo ainda para centenas de indecisões,
E para uma centena de visões e revisões,
Antes de tomar o chá com a torrada.

No salão as mulheres vêm e vão,
Falando de Michelangelo.

E realmente haverá tempo
De imaginar, "me atrevo?", e, "me atrevo?"

Hora de virar as costas e descer a escada,
Com um ponto vazio no meio do meu cabelo —
(Dirão: "Como seu cabelo está afinando!")
Meu fraque, meu colarinho subido hirto ao queixo
Minha gravata distinta e modesta, mas ordenada por um mero alfinete —
(Dirão: Mas como seus braços e pernas estão finos!)
Atrevo-me
A perturbar o universo?
Em um minuto há tempo
Para decisões e revisões que um minuto há de revogar.

Pois eu já conheço todas elas, conheço todas:
Conheço as noites, manhãs, tardes,
Medi minha vida em colheres de café;
Conheço as vozes que morrem com uma queda fatal
Sob a música de um quarto tão distante
Então como me atreveria?

E já conheci os olhares, conheci-os todos—
Os olhares que te reduzem a uma frase formulada,
E quando tornar-me só uma fórmula, esticado em um alfinete,
Quando eu estiver preso e contorcido em uma parede,
Então como eu devo começar
A cuspir as pontas de cigarro dos meus dias e maneiras?
E como me atreveria?

E já conheci os braços, conheci-os todos—
Braços com braceletes e brancos e nus
(Mas à luz da lamparina, mesclados com cabelo castanho claro!)
É o perfume de um vestido
Que me deixa tão distraído?
Braços que repousam sobre uma mesa, ou envoltos em um xale.
E ainda assim me atreveria?
E como o iniciaria?

Devo dizer, passei enquanto anoitecia por estreitas estradas
E assisti ao fumo que sobe dos cachimbos
De homens solitários em camisetas, à janela debruçados?...

Eu deveria ter sido um par de ásperas garras
Rasgando o fundo do mar mudo.

E pela tarde, o entardecer, dorme tão em paz!
Afadado por dedos longos,
Dorme... exausto... ou finge,
Esticado no chão, aqui do lado teu e meu.
Teria eu, depois do chá e bolos e gelados,
a força para induzir todo o momento à sua crise?

¹ Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Interessado em teoria literária, tradução e linguagem.

Mas embora eu tenha chorado e jejuado, chorado e rezado,
Embora eu tenha visto minha cabeça (já um tanto calva) trazida em um prato,
Eu não sou nenhum profeta — e isso pouco importa;
Eu vi tremer o momento da minha grandeza,
E eu vi o eterno Criado segurar meu fraque, e rir
E basta dizer, tive medo.

E teria valido a pena, afinal,
Depois das xícaras, da marmelada, do chá,
Entre a porcelana, entre alguma conversa de nós dois.
Teria valido a pena,
Ter mordido o assunto com um sorriso,
Ter espremido o universo em uma bola
Para rolá-la rumo a alguma incômoda dúvida,
Para dizer: "Sou Lázaro, vindo dos mortos,
Volto para vos contar tudo, contá-los-ei tudo"—
Se alguém, ajeitando a cabeça dela num travesseiro,
Disse: "Isso não é o que eu quis dizer, mesmo
Não é nada disso, mesmo."

E teria valido a pena, afinal,
Teria tudo valido a pena,
Depois dos poentes e dos pátios e das estradas chuvscadas,
Depois dos romances, das xícaras de chá, depois das saias que se arrastam pelo chão—
E isso, e tanto mais?—
É impossível dizer mesmo o que quero dizer!
Mas se uma lanterna mágica jogasse os nervos em imagens numa tela:
Teria valido a pena
Se alguém, ajeitando um travesseiro ou despindo um xale,
E virando-se para a janela, dissesse:
"Não é isso mesmo,
Não é isso o que eu quis dizer, mesmo."

Não! Não sou o Príncipe Hamlet, nem nasci para ser;
Sou o assistente do senhor, um que servirá
Para causar algum progresso, fazer uma ou outra cena,
Aconselhar o príncipe; um instrumento simples, sem dúvida,
Reverente, contente por ser útil,
Político, cauteloso, e meticoloso;
Cheio de vaidade, mas um pouco obtuso;
Às vezes, é verdade, quase ridículo—
Quase, às vezes, o Bobo.

Eu envelheço... Eu envelheço...
Hei de andar com a barra das minhas calças dobradas.

Devo pentear meu cabelo para trás? Atrevo-me a comer um pêssego?
Hei de vestir calças de flanela brancas, e andarei pela praia.
Ouvi as sereias cantando, umas às outras.

Não acho que cantarão para mim.

Tenho as visto cavalgando as ondas em direção ao mar
Penteando o cabelo branco das ondas que voltam
Quando o vento sopra a água branca e negra.
Nós demoramo-nos nas alcovas do oceano,
Ao lado de sereias coroadas com algas vermelhas e marrons
Até que vozes humanas nos despertam. E nos afogamos.

"The Love Song of J. Alfred Prufrock"

BY T. S. ELIOT

Let us go then, you and I,
When the evening is spread out against the sky
Like a patient etherized upon a table;
Let us go, through certain half-deserted streets,
The muttering retreats
Of restless nights in one-night cheap hotels
And sawdust restaurants with oyster-shells:
Streets that follow like a tedious argument
Of insidious intent

To lead you to an overwhelming question ...
Oh, do not ask, "What is it?"

Let us go and make our visit.

In the room the women come and go

Talking of Michelangelo.

The yellow fog that rubs its back upon the window-panes,

The yellow smoke that rubs its muzzle on the window-panes,

Licked its tongue into the corners of the evening,

Lingered upon the pools that stand in drains,

Let fall upon its back the soot that falls from chimneys,

Slipped by the terrace, made a sudden leap,

And seeing that it was a soft October night,

Curled once about the house, and fell asleep.

And indeed there will be time

For the yellow smoke that slides along the street,

Rubbing its back upon the window-panes;

There will be time, there will be time

To prepare a face to meet the faces that you meet;

There will be time to murder and create,

And time for all the works and days of hands

That lift and drop a question on your plate;

Time for you and time for me,

And time yet for a hundred indecisions,

And for a hundred visions and revisions,

Before the taking of a toast and tea.

In the room the women come and go

Talking of Michelangelo.

And indeed there will be time

To wonder, "Do I dare?" and, "Do I dare?"

Time to turn back and descend the stair,

With a bald spot in the middle of my hair —

(They will say: "How his hair is growing thin!")

My morning coat, my collar mounting firmly to the chin,

My necktie rich and modest, but asserted by a simple pin

—

(They will say: "But how his arms and legs are thin!")

Do I dare

Disturb the universe?

In a minute there is time

For decisions and revisions which a minute will reverse.

For I have known them all already, known them all:

Have known the evenings, mornings, afternoons,

I have measured out my life with coffee spoons;

I know the voices dying with a dying fall

Beneath the music from a farther room.

So how should I presume?

And I have known the eyes already, known them all—

The eyes that fix you in a formulated phrase,

And when I am formulated, sprawling on a pin,

When I am pinned and wriggling on the wall,

Then how should I begin

To spit out all the butt-ends of my days and ways?

And how should I presume?

And I have known the arms already, known them all—

Arms that are braceleted and white and bare

(But in the lamplight, downed with light brown hair!)

Is it perfume from a dress

That makes me so digress?

Arms that lie along a table, or wrap about a shawl.

And should I then presume?

And how should I begin?

Shall I say, I have gone at dusk through narrow streets

And watched the smoke that rises from the pipes

Of lonely men in shirt-sleeves, leaning out of windows? ...

I should have been a pair of ragged claws

Scuttling across the floors of silent seas.

And the afternoon, the evening, sleeps so peacefully!

Smoothed by long fingers,

Asleep ... tired ... or it malingers,

Stretched on the floor, here beside you and me.

Should I, after tea and cakes and ices,

Have the strength to force the moment to its crisis?

But though I have wept and fasted, wept and prayed,

Though I have seen my head (grown slightly bald)
brought in upon a platter,

I am no prophet — and here's no great matter;

I have seen the moment of my greatness flicker,

And I have seen the eternal Footman hold my coat, and
snicker,

And in short, I was afraid.

And would it have been worth it, after all,

After the cups, the marmalade, the tea,

Among the porcelain, among some talk of you and me,

Would it have been worth while,

To have bitten off the matter with a smile,

To have squeezed the universe into a ball

To roll it towards some overwhelming question,

To say: "I am Lazarus, come from the dead,

Come back to tell you all, I shall tell you all"—

If one, settling a pillow by her head

Should say: "That is not what I meant at all;

That is not it, at all."

And would it have been worth it, after all,

Would it have been worth while,

After the sunsets and the dooryards and the sprinkled
streets,

After the novels, after the teacups, after the skirts that
trail along the floor—

And this, and so much more?—

It is impossible to say just what I mean!

But as if a magic lantern threw the nerves in patterns on a
screen:

Would it have been worth while

If one, settling a pillow or throwing off a shawl,

And turning toward the window, should say:

"That is not it at all,

That is not what I meant, at all."

No! I am not Prince Hamlet, nor was meant to be;

Am an attendant lord, one that will do

To swell a progress, start a scene or two,

Advise the prince; no doubt, an easy tool,

Deferential, glad to be of use,

Politic, cautious, and meticulous;

Full of high sentence, but a bit obtuse;

At times, indeed, almost ridiculous—

Almost, at times, the Fool.

I grow old ... I grow old ...

I shall wear the bottoms of my trousers rolled.

Shall I part my hair behind? Do I dare to eat a peach?

I shall wear white flannel trousers, and walk upon the
beach.

I have heard the mermaids singing, each to each.

I do not think that they will sing to me.

I have seen them riding seaward on the waves

Combing the white hair of the waves blown back

When the wind blows the water white and black.

We have lingered in the chambers of the sea

By sea-girls wreathed with seaweed red and brown

Till human voices wake us, and we drown.